

↓ Cartas

Eles não sabem

A cada ano fica mais difícil para as abelhas encontrarem o néctar para produzirem o mel, em consequência de problemas ambientais, como desmatamentos, uso de defensivos agrícolas e mudanças meteorológicas. Já passamos por diversos anos em que o clima na primavera foi desfavorável para as abelhas, como o 2008. Em meados de outubro deste ano, quando as colmeias deveriam estar cheias com mel, ainda não tinham armazenado nenhum; pelo contrário, somente consumiram as reservas que ainda tinham. Em fins de setembro tivemos contato com os apicultores do Vale do Paranhana, que também lamentaram a mesma situação nas colmeias, e disseram que a única esperança para ter uma colheita seria a floração da uva do Japão – que em dezembro nos confirmaram satisfeitos.

A mesma situação tivemos aqui no Vale do Rio Pardo, onde o único mel que conseguimos colher foi o produzido a partir da uva do Japão. Com tanta falta de alimento no mundo, aqui em Santa Cruz a Secretaria do Meio Ambiente quer exterminar esta espécie, e o mel é um dos alimentos mais completos que existe no mundo há milhares de anos. Não sei se eles sabem da riqueza que esta árvore nos oferece, mas deveriam saber, antes de fazer leis que envergonham nossa cidade. E se sabiam, o que fizeram é ainda pior.

Victor Affonso Müller/Apicultor aposentado

Estacionamento no Centro

É um absurdo o que aconteceu comigo em um domingo, quando levava minha filha de 3 anos para andar de bicicleta na praça do Cathedral. Quando fui estacionar meu carro em frente ao Banco do Brasil, estavam lá três indivíduos fazendo sinal para que eu estacionasse em uma vaga existente no local. Ao redor da praça não tinha mais vagas. Percebi que havia algo errado, os tais indivíduos que orientavam para estacionar estavam cobrando uma taxa de estacionamento. Abordavam principalmente pessoas mais idosas e seguravam a porta do veículo, não deixando as pessoas saírem de seus carros antes de pagarem pelo estacionamento.

Quando decidi ir embora, fui ameaçado de que numa próxima oportunidade não poderia estacionar, pois não tinha pago. Já pago Rapidinho durante a semana, agora teremos que pagar nos finais de semana e feriados também para pessoas que nem a menos sabemos quem são. Acho isso um desrespeito ao direito de ir e vir dos cidadãos que pagam seus impostos – que não são poucos – em dia.

Derli Couto/Aposentado

O milagre da pobreza

No início do século 20, a Argentina era uma das economias mais prósperas do mundo. Mesmo se desenvolvendo com considerável atraso em relação aos demais países ricos, o fez a uma velocidade impressionante, graças a um regime amigável ao livre comércio. A boa situação do país atraía um enorme volume de capital estrangeiro e um fluxo de pessoas que só era menor do que o que se dirigia aos Estados Unidos. Estranha aos ouvidos, atualmente, a expressão “rico como um argentino” era ouvida frequentemente nos cafés parisienses quando se desejava fazer menção a um cidadão abastado.

Como um país que já foi o 7º mais rico do planeta, na década de 1920, hoje ronda a 80ª posição no ranking mundial de renda per capita?

Uma pesquisa da empresa



de consultoria *Strategic Forecasting* revelou que a maioria dos latino-americanos viu a última crise da Argentina como o fracasso do liberalismo econômico no país. Entretanto, não foi levado em consideração que, há muito tempo, a Argentina não é regida por políticas liberais.

Graças às mudanças no regime de propriedade – com a implementação das políticas

nacionalistas e protecionistas – desde meados da década de 1940, a próspera Argentina passou a trilhar o caminho da decadência. Perón se encarregou de desencorajar o investimento e a inovação através da nacionalização, e de fomentar o desperdício de recursos, através da imposição de elevadas tarifas de importação, fazendo o país depender da ineficiente e cara

produção interna.

O dirigismo estatal e a politização da economia foram, aos poucos, enfraquecendo aquela que, um dia, fora uma grande nação. A irresponsabilidade de favorecer o redistributivismo ineficiente do Estado, ao invés do comércio e da cooperação, custou um preço altíssimo ao país.

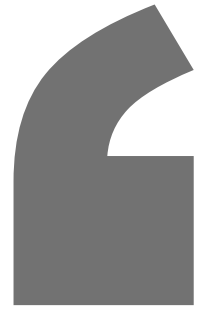
O fato é que, na mesma intensidade que as boas políticas fazem prosperar, as más políticas empobrecem. Para Leon Louw, diretor executivo da Fundação *Free Market*, da África do Sul, “pobreza, não crescimento econômico, é o verdadeiro milagre hoje em dia”. E maus governos fornecem receitas eficientes para garanti-la.

Elisa Lucena Martins/Estudante de Ciências Econômicas – UFSM

O Playmobil Presidente

Nasci nos últimos dias de governo do general Ernesto Geisel e, portanto, nos primeiros momentos da abertura política que começaria na gestão de seu sucessor João Baptista Figueiredo. Os primeiros anos da minha vida têm como trilha sonora os contundentes e emocionados discursos do movimento das Diretas Já, que culminariam na eleição e morte de Tancredo Neves e na posse do vice, José Sarney, como presidente da República. Enquanto fantasiava histórias com o “Playmobil”, imaginando-o na presidência, e construindo com “monta-tudo” (uma versão antiga e brutalhada do “Lego”) o que imaginava ser uma obra pública, estava sempre atento às chamadas dos telejornais sobre o estado de saúde do presidente eleito Tancredo.

Enquanto meu Playmobil Presidente erguia hospitais e escolas, demarcava aldeias indígenas em meio às cidades e trocavam de cabelo a cada imaginária cerimônia pública, acompanhava os jornalistas em frente ao Hospital das Clínicas de São Paulo, que relatavam as diversas cirurgias a que se submeteu Tancredo Neves. Mesmo sem compreender, naquela época, a real dimensão da situação política nacional, tinha certeza de que tratava-se



Começo a pensar em uma nova democracia, onde possamos desarraigar das instituições todas essas figuras carcomidas e iníquas que aprisionaram suas mentalidades em um tempo que não vivemos mais

de um momento histórico e estava tranquilo, já que acima das logomarcas das emissoras estava sempre a palavra “vivo”. Na minha pueril consciência, enquanto eu estivesse lendo “vivo”, o presidente eleito vivo estaria. Quando o porta-voz Antônio Britto anunciou o falecimento de Tancredo, tratei de informar meus pais: “É mentira! Olha lá... ainda está ‘vivo’.” Só depois minha avó me explicou que “vivo” era, na verdade, “ao vivo”. Anos depois, escrevi uma carta a todas as emissoras de TV do Brasil pedindo para que mudassem de “vivo” para “ao vivo”, evitando assim novos equívocos infantis.

Logo após os eventos que sucederam a morte de Tancredo e o governo de “planos” inflacionários de José Sarney, imaginei que os rumos do País começariam a mudar de fato e que novas mentalidades, novos

ares seriam capazes de erguer o Brasil, tais quais as realizações do meu Playmobil Presidente. Infelizmente eu estava errado. O que aconteceu na década de 90 e na primeira década dos anos 2000 foi apenas uma inversão de papéis e ascenderam ao Poder aqueles que um dia estavam do outro lado da trincheira. Há de se lembrar que nenhum dos lados de batalha dos “Anos de Chumbo” fora capaz de pensar o Brasil como um ambiente democrático de fato e de direito. Ambos os lados só conseguiam conceber a ascensão ao poder via golpes. Para ambos os lados da “guerra”, o poder não era um instrumento de construção do Estado e criação de políticas públicas; o poder era apenas um objetivo, uma meta, um troféu a ser erguido.

Inúmeros cientistas políticos, “politicólogos” e “politiqueiros” gostam de bradar aos quatro ven-

tos a vitória da democracia, mas vivem no ambiente das lamentações por nenhum dos governos até hoje instituídos ter alcançado um patamar de qualidade capaz de mudar, de forma plena e consolidada, a forma de se fazer política no Brasil. Todos não pestanejam em criar as mais diversas teorias para tentar explicar o nosso fracasso político e a forma como nossos governantes ainda conduzem seus governados. E ninguém é capaz de afirmar o que de fato consumiu valores e conceitos do que deveria ser primaz em qualquer administração pública: a ética.

Começo a pensar em uma nova democracia, onde possamos desarraigar das instituições todas essas figuras carcomidas e iníquas que aprisionaram suas mentalidades em um tempo que não vivemos mais, e que estão nos alimentando a cada dia com tudo o que há de pior quando o assunto é política. O Brasil começará a mudar quando alguém o assumir, de fato, no século 21. Quem sabe, nesse dia, o Playmobil Presidente coloque em prática a aprendizagem do “Monta-Tudo”. Até lá, seguiremos sob os auspícios e a alternância de golpistas no poder.

Helder Caldeira/Articulista político (RJ)



Gazeta do Sul

Propriedade da
GAZETA DO SUL S.A.
Fundada em 26/01/1945
CNPJ 95.424.834/0001-30

Uma empresa filiada à



Rua Ramiro Barcelos, 1.206
Caixa Postal 118 | CEP 96.810-900
Fone: 3715-7800 | Fax: 3715-7863
Fax/Redação: 3715 7944
www.gazetadosul.com.br

direcao@gazetadosul.com.br
redacao@gazetadosul.com.br
publicidade@gazetadosul.com.br
assinaturas@gazetadosul.com.br

ANDRÉ LUÍS JUNGLUT
DIRETOR PRESIDENTE

ROMEU INACIO NEUMANN
DIRETOR SECRETÁRIO

PAULO ROBERTO TREIB
DIRETOR INDUSTRIAL

RAUL JOSÉ DREYER
DIRETOR COMERCIAL

JONES ALEI DA SILVA
DIRETOR ADMINISTRATIVO

MARIA ROSILANE ZOCH ROMERO
CHEFE DE REDAÇÃO

Porto Alegre: Grupo de Diários, Rua Garibaldi 659, sala 102, Bairro Floresta CEP 90035050 - Fone/Fax: 3221 3290-e-mail: diarios@grupodediarios.com.br Site: www.grupodediarios.com.br

Vera Cruz: Rua Martim Francisco, 72 - Fone 3718-1312
Candelária: Rua Gaspar Silveira Martins, 893 - Fone 3743-3662
Venâncio Aires: Júlio de Castilhos, 785 - Fone 3741-2263
Rio Pardo: Rua Andrade Neves, 918 - Fone 3731-1518

Gazeta do Sul não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e não devolve originais, publicados ou não.

Artigos e cartas para este espaço devem conter nome completo, profissão e endereço do autor, além de telefone para contato (se possível). O envio pode ser feito por fax (3715 7944) ou pela internet (angela@gazetadosul.com.br). O simples envio não garante a publicação.